ELEMENTOS DA CULTURA GREGA PRESENTES NOS FILMES NARRADORES DE JAVÉ E PEIXE GRANDE

ANTÔNIO CARLOS DA SILVA SIQUEIRA JÚNIOR

Resumo

O presente artigo tem o propósito de investigar e reconhecer alguns aspectos e valores culturais da Grécia Antiga, que se mostram presentes nos filmes Narradores de Javé (2004) e Peixe Grande (2003). Para isso, contextualiza-se, de maneira breve, alguns desses elementos helênicos, para depois reconhecê-los nas obras.

Palavras-chave: Cultura grega. Sociedade. Literatura.

Introdução

O presente artigo é resultado de reflexões e de buscas sobre elementos da cultura grega que permanecem na sociedade atual e que podem ser reconhecidos nos filmes Narradores de Javé (2004) e Peixe Grande (2003).
Ambas as películas trabalham com narrativas e sua importância, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Em Narradores de Javé, há um povo que corre o risco de ser expulso de sua cidade, para que uma represa seja construída no lugar, perdendo, assim, toda a sua história. Já em Peixe Grande há o conflito entre um pai e um filho sobre a importância das histórias e da ficção.
O trabalho tem o objetivo de reconhecer e discutir alguns conceitos culturais gregos que sobrevivem desde a Antiguidade até os tempos atuais. É importante abordar a questão, uma vez que conhecer a nossa origem é conhecer a nós mesmos, além de proporcionar um olhar diferente e mais atento para os dois filmes e ao nosso redor.
Para auxiliar a análise e o reconhecimento de alguns desses elementos nas duas obras, serão usados como materiais teóricos livros e artigos sobre a própria cultura helênica, filosofia e literatura. Dentre os autores utilizados estão Roberto Acízelo de Souza, Aristóteles, Platão, Mircea Eliade, Maiquel José Seleprin, Lidia Maria Rodrigo, Bruno Snell e Oswaldo Giacoia Júnior.

Uma breve introdução à cultura grega

É muito difícil uma cultura desaparecer. Ela pode se modificar com os tempos, agregar novos valores, mudar alguns conceitos, mas não desaparece totalmente e sempre seremos moldados por ela. Mesmo que seus criadores tenham desaparecido, estudamo-la como História. A maioria dos povos que dominavam outras terras e nações, assim que podiam, já obrigavam os derrotados a aprenderem a sua língua e os seus costumes, mas acontece, às vezes, de uma cultura ser tão rica e influente, que o dominador é quem adere aos elementos culturais dos dominados. Foi o que aconteceu com Roma, quando dominou a Grécia. Há elementos helênicos em nossa sociedade até hoje.
Um dos traços mais marcantes da cultura grega é a oralidade. Embora as obras de Homero, Ilíada e Odisséia, tenham sido escritas somente no século VI a.C, sua "(...) circulação oral na Grécia antiga remonta ao século X a.C (...)" (ACÍZELO, 2003, p. 8), por exemplo.
A Literatura, sabemos, teve seus primeiros críticos em Platão e Aristóteles, que são gregos e a base para os estudos literários até hoje, cada um com sua perspectiva, que será discutida no texto abaixo. Eles não foram importantes somente na Literatura, mas em outras artes e áreas do saber também, como a Filosofia, Física, Teatro, Metafísica e Política.
Foi na Grécia, também, que surgiram alguns gêneros textuais e literários, como a comédia, a tragédia e o drama, além do já citado épico (poesia homérica), a epopeia. Além disso, outro fator muito importante para os gregos é a mitologia.
A mitologia grega compreende um conjunto de mitos e narrativas, criadas e adotadas pelos antigos povos gregos como sua religião e crença.

Os gregos conceituavam o mito como uma intuição compreensiva da realidade fundamentada na emoção/afetividade, o mito expressa aquilo que o homem deseja e o que

ele teme. É um relato fabuloso de algo que ocorre no tempo, na história e no começo das coisas; é um relato que personifica as forças do bem e do mal. O mito surge frente a situações limites para o homem. A força do imaginário coletivo é a sua principal força, ele precisa da força da palavra; não é apenas a explicação para algo que se compreende, mas também o acomodante e o tranquilizante para o mundo que se apresenta como assustador. (SELEPRIN, s/d, p. 5)

Todos os povos, num dado momento da sua evolução e na procura do sentido das coisas, tiveram lendas, isto é, narrativas às quais acrescentaram durante algum tempo a fé, pelo menos em certo grau.
A maior parte das vezes, as lendas, porque fazem intervir forças ou seres considerados como superiores aos humanos, pertencem ao domínio do místico e da religião. Apresentam-se, então, como sistema mais ou menos coerente de explicação do mundo, sendo criador de cada um dos gestos do herói, de quem se canta os feitos.
Noutros lugares, ainda, as narrativas dos mitos acabaram por perder quase todo o caráter maravilhoso e dissimulam-se sob a aparência da história, que tem funcionado como o registro do seu mundo social. Contudo, o mito na Grécia participa em todas as naturezas. Faz a coloração de histórias e serve de título de nobreza às cidades ou às famílias, como se desenvolve em epopeia e vem explicar as crenças e os ritos da religião. Mas o mito é ainda algo mais.
Na Grécia, o mito aplica-se a toda a história que se conta tal como ao assunto de uma tragédia ou de uma comédia. De acordo com Eliade (1968, p. 6), o mito opõe-se ao logos, como a fantasia à razão, a palavra que relata à que demonstra. Mythos e Logos são duas metades da linguagem, duas funções igualmente fundamentais da vida e do espírito. O logos é verdadeiro se é justo e conforme a lógica e é falso se dissimula qualquer artimanha secreta, isto é, um sofisma. Mas o mito, por sua vez, não tem outro fim senão ele próprio. O mito atrai ao seu redor toda a parte do irracional.
São esses conceitos e outros mais que tentaremos localizar e explicitar nos filmes Narradores de Javé e Peixe Grande.

Elementos da cultura grega presente no filme Peixe Grande

O filme Peixe Grande (2003) narra a história de Edward Bloom, um contador de histórias, e seu filho, William Bloom. O pai, Edward, onde quer que vá, sempre conta seus incríveis feitos a todos, o que irrita seu filho, pois este não acredita em nada do que é contado. Os dois personagens são totalmente distintos, pois um acredita que a vida deve ser "embelezada" com metáforas (figuras de linguagem), histórias, lendas, emoção, ficção, enfim, criação; enquanto o outro crê que se deve ver a vida como ela é. É esta discordância que fará com que o pai e o filho rompam, deixando de se verem por um longo tempo.
Percebe-se em Edward Bloom um olhar mitológico, que através das palavras e imagens criadas, encanta todos ao seu redor, ao passo que se nota no filho uma visão mais lógica, restrita e fatual. Tanto é assim, que quando Will cresce, torna-se jornalista, diferente do seu pai, que quando mais novo fora vendedor. Ambos usam a palavra, mas de maneiras distintas.
Ora, essa discordância e diferentes olhares sobre o tema da ficção e da Literatura, que aparece entre Edward e William Bloom, na verdade já existe desde a Grécia Antiga, com Aristóteles e Platão.
Platão, assim como William Bloom, pensa que a ficção afasta as pessoas da realidade. Para Platão (2007), a Poesia é uma imitação deste mundo e das ações dos homens, logo, quem a ouve está "(...) três pontos afastados da realidade (...)" (PLATÃO, 2007, p. 296), já que o próprio mundo em que vivemos é uma cópia do Mundo das Ideias, uma cópia da Verdade. Além disso, o filósofo diz que o poeta incita as pessoas a exporem sentimentos vergonhosos, como chorar.
Por outro lado, Edward Bloom vê a contação de histórias, as narrativas, a ficção, como algo importante para o homem e para a sociedade. Assim também pensa Aristóteles (2004), que percebe que a Literatura possui três elementos básicos: mimeses, verossimilhança e catarse.
Catarse é o sentimento (alegria, tristeza,

preocupação etc.) que toda obra, história, narrativa, causa no leitor e ouvinte. Verossimilhança é a semelhança que a ficção possui com a realidade, causada pela própria mimese, que é a imitação dos fatos e das ações humanas.
Aristóteles diz que
A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. Pela imitação adquirimos nossos primeiros conhecimentos, e nela todos experimentamos prazer. (s/d, p. 4)

Esse efeito mimético pode ser identificado no momento em que Edward Bloom passa a narrar os acontecidos passados, contribuindo para o prazer do presente e da continuação das narrações para o futuro. Não só nesse momento, como ao final do filme também, quando seu filho, William, percebe a importância da ficção e da narração de histórias e continua a contar os feitos de seu pai. Por fim, percebemos que o neto de Edward imita seu pai, contando os acontecimentos de seu avô.
Além disso, outra semelhança que podemos notar entre o filme Peixe Grande e a cultura grega são os seres sobrenaturais. No filme, esses elementos mágicos compõem as metáforas; com os gregos, esses seres acompanham os mitos. Em ambos os casos, antes de servirem como metáfora, essas criaturas surgem para colocar e/ou tirar o medo nos personagens e nos ouvintes/telespectadores. Não à toa, pois

O sentimento do medo diante do novo ocupa um vasto espaço na mente da criança antes que esta ganhe familiaridade com a ordem do mundo que a circunda, e tem um largo domínio na imaginação dos povos primitivos, onde se manifesta em representações religiosas (SNELL, 2012, p. 23)

A película é repleta de metáforas não só visuais, mas verbais, através do personagem principal, Edward. As aventuras que este homem conta passam-se entre circo, bruxa, homem gigante, irmãs siamesas, lobisomem, cidade fantasma, poeta lendário, sereia, e claro, a metáfora principal, um peixe enorme. Tudo isso faz parte do universo fantástico, são os elementos mágicos.
Embora em uma primeira leitura possam causar estranhamento, eles são figuras que concretizam a ideia em forma de metáfora. O circo representa a própria arte; a bruxa e o olho de vidro, a morte do protagonista; as irmãs siamesas, a cooperação; a cidade fantasma, uma utopia; o lobisomem raivoso, um homem excluído; o peixe grande que não consegue ser fisgado, a imortalidade das histórias e do próprio personagem; a aliança, a fidelidade do protagonista à mulher, etc.
Em suma, o fato de narrar os feitos e histórias fazem o homem não somente transcender a sua época e lugar, como cria, também, as raízes subjetivas de um indivíduo e povo. É o que veremos a seguir.

Elementos helênicos em Narradores de Javé

Narradores de Javé (2004) conta a história de um povoado situado no nordeste brasileiro, o Vale de Javé, que será destruído por conta da construção de uma represa. O único modo de deter esta situação é provando, em documento científico, que a cidade possui um patrimônio histórico. Mas as pessoas da cidade não possuem documento algum (nem seus, nem das propriedades, nem da própria “cidade”), nem sabem escrever ou ler.
Porém, isso não significa que Javé não possuía uma história. É assim que os moradores se reúnem e, a partir da escrita de Antônio Biá, a única pessoa do povoado que sabe ler e escrever, eles tentam contar a história e a importância da cidade. O que era conhecido somente pela oralidade, agora seria escrito.
Isto nos remete ao(s) início(s) da(s) Literatura(s), o qual as histórias, sendo fictícias ou não, eram narradas oralmente pelos primórdios/fundadores das vilas.

Sabe-se que a oralidade constituiu a marca da cultura grega antiga, e não apenas no seu passado mais remoto. Embora na primeira metade do século IV a.C. a alfabetização já

estivesse razoavelmente disseminada entre a população, as formas orais continuavam predominando na comunicação de modo geral. (RODRIGO, 2006, p. 525)

No entanto, toda história conhecida apenas pela oralidade pode sofrer modificações subjetivas, tanto por conta de quem fala — que pode acrescentar ou retirar trechos (por confusão ou intenção) —, quanto pelo esquecimento causado ao longo dos anos. Os gregos superaram esse fator através da poesia.

Em Narradores de Javé, tudo o que se sabe sobre as origens do lugar é contado oralmente, mas como não havia uma tradição de contar histórias nem uma técnica (como a poesia requer) para isso, cada pessoa narrava os fatos de uma forma diferente. O interessante é que quando Antônio Biá conversava sobre escrever a história de Javé, ele sempre falava em epopéia e até mesmo em "Odisséia do Vale de Javé", fazendo alusão às obras homéricas (que ficaram marcadas, mesmo, pela oralidade).

Epopéia é um gênero literário da Poesia (a que pertencem a Ilíada e a Odisseia), um poema épico que narra os grandes feitos e histórias de um povo ou herói, sendo eles verdadeiros ou "enfeitados". Assim como a epopéia ressalta as qualidades da nação e relembra os heróis e mitos, os moradores de Javé, ao narrarem suas origens, sempre citam os nomes "Indalécio" e "Maria Dina" como os fundadores do Vale. No entanto, a cada morador que conta a história, mudam-se os nomes, características e atos: Indalécio, que era um herói rebelde contra Portugal vira Indalício, que depois se torna Indaleo, um africano; Maria Dina, que à primeira vista é narrada como uma mulher guerreira, depois se torna uma louca abandonada, para em seguida virar Oxum.

Embora haja algumas discordâncias entre os moradores de Javé sobre como realmente eram esses heróis e fundadores do povoado, é importante perceber que, assim como nos mitos e obras homéricas, o herói está sempre ligado ao passado de um povo, pois eles são "(...) por assim dizer, modelos, com base nos quais compreendemos a nós mesmos e ao nosso agir, e segundo os quais podemos orientar-nos (...)" (SNELL, 2012, p. 152).

Sobre Indalécio, por exemplo, numa das versões da história, diz-se que era um bravo homem, que nunca desceu do cavalo (dormia montado, pronto para o combate) e morreu lutando. É característica dos gregos a "morte bela", preferir morrer no combate do que numa vida comum; e "(...) também nós, como herdeiros culturais dos antigos gregos, conservamos algum traço dessa morte heróica, dessa comprovação da excelência pela coragem diante da morte (...)" (GIACÓIA, 2005, p. 17). Aquiles, por exemplo, é

descrito como o melhor dos gregos, justamente pelo rigor implacável de sua biografia, pelo radicalismo de seus feitos e façanhas, pela recusa intransigente de qualquer compromisso e acomodação, pela excelência guerreira, a única capaz de proporcionar a glória. Esse Aquiles permanece na morte eternamente jovem, na plenitude de suas forças, sua legenda sendo sempre repetida a cada declamação da Ilíada, como cimento da identidade social dos gregos. (GIACÓIA, 2005, p. 16)

Maria Dina, ajudante de Indalécio, mulher guerreira, também é considerada uma heroína pelo povo de Javé e pode ser comparada às amazonas. Embora a mulher quase sempre tenha sido subjugada pelo homem ao longo da História, na Grécia Antiga existiam algumas mulheres que batalhavam nas guerras, eram as chamadas "amazonas".

Mesmo que os moradores de Javé estejam passando por dificuldades, eles possuem orgulho de suas raízes, pois a fama do passado

não glorifica apenas o indivíduo, mas toda a sua estirpe: daí a importância de conhecermos a cadeia das gerações que liga o avô ao neto (...) a fama favoreceu o surgimento de uma consciência histórica. A genealogia servia, ao mesmo tempo, para fundamentar e demonstrar as legítimas pretensões das estirpes de origem divina; e era mister não haver lacunas para que se pudesse mostrar que a corrente da legitimidade jamais se interrompera. (SNELL, 2012, p. 154)

Ainda falando sobre os valores gregos de honestidade, bravura, coragem etc., é preciso

prestar atenção na convicção que os moradores de Javé têm de que Indalécio não fugiu do combate contra as forças de Portugal, apenas "bateu em retirada", assim como Biá o faz, perto do final do filme: anda de costas, mas de olho nos "adversários".

Voltando à trama do filme, lembremos que o requerido para evitar a construção da represa foi um documento científico e que o povo estava escrevendo um texto mais voltado à Literatura, por não saberem a diferença entre os dois. Ora, além da Literatura ocidental, também "(...) surgiu na Grécia a ciência (...)" (SNELL, 2012, p. 36).

Em suma, o que acontece no filme é que ninguém quer ser esquecido, todos querem aparecer na história da cidade e mesmo aqueles que não o desejam, como é o caso do personagem Daniel, esperam colocar o nome dos seus antepassados na narrativa. Nada menos grego.

Considerações finais

Com este trabalho, tentou-se trazer à tona alguns conceitos e elementos da cultura grega que sobrevivem desde a Antiguidade até os tempos atuais e que permeiam a nossa sociedade sem que sejam percebidos.

Para tanto, buscou-se reconhecê-los nos filmes Narradores de Javé e Peixe Grande, através de pesquisa bibliográfica, de forma que ambas as películas esclarecessem e demonstrassem como que tais temas ou atos foram herdados da Grécia e que continuam sendo contemporâneos (tanto que alguns dos autores que utilizamos são gregos).

Em Peixe Grande, vê-se como a contação de histórias, a Literatura, a arte da palavra, eleva e transcende o ser humano; em Narradores de Javé percebe-se a importância de conhecermos as nossas origens, a nossa história.

Além disso, percebe-se nas duas obras cinematográficas a valorização da ciência (ao menos por alguns personagens), da coragem, do belo e da busca da imortalidade através da palavra. Tudo isso é mostrado com muita verossimilhança, mimeses e catarse.

Enfim, assim como o povo de Javé precisou relembrar de seus antepassados para firmarem-se no presente, busquemos as nossas raízes helênicas para conhecermo-nos melhor.

Referências

ACÍZELO, Roberto de Souza. Teoria da Literatura. São Paulo: Ática, 2003.

ARISTÓTELES. POÉTICA. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Disponível em: < https://projetoitaca.com.br/wp-content/uploads/2021/12/eliade-mircea-mito-e-realidade.pdf >. Acesso em: 03 de junho de 2025.

GIACOIA, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. Disponível em: < http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/418/419>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliana Caffé. Brasil: Bananeiras Filmes, 2004. 102"01'. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

PEIXE grande. Direção: Tim Burton. E.U.A: Columbia Pictures Industries. 125"10'. Disponível em: <https://youtu.be/YUuMceCB-2bI?si=rvpPXjI9putoQ2H4>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

PLATÃO. A República. São Paulo: Martin Claret, 2007.

RODRIGO, Lidia Maria. Platão contra as pretensões da poesia homérica. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000200010>. Acesso em: 03 de junho de 2025.

SELEPRIN, Maiquel José. O Mito na sociedade atual. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/O_mito_na_sociedade_atual.pdf >. Acesso em: 03 de junho de 2025.

SNELL, Bruno. A cultura grega e as origens do pensamento europeu. São Paulo: Perspectiva, 2012.